

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

COLE AQUI A ETIQUETA.

SÓ ABRA QUANDO AUTORIZADO.

Leia atentamente as instruções que se seguem.

1- Este caderno contém **seis** questões, constituídas de itens e subitens, abrangendo um total de **dez** páginas, numeradas de 2 a 11.

Antes de começar a resolver as questões, verifique se seu caderno está **completo**.

Caso haja algum problema, solicite a **substituição** deste caderno.

2- Esta prova vale **100** pontos, assim distribuídos:

- Questões 01, 03, 04 e 05: **20** pontos cada uma.
- Questões 02 e 06: **10** pontos cada uma.

3- **NÃO escreva seu nome nem assine nas folhas desta prova.**

Escreva seu **número de inscrição** completo nos espaços reservados para esse fim.

4- Leia cuidadosamente cada questão da prova e escreva a resposta, **A LÁPIS**, nos espaços correspondentes.

Só será corrigido o que estiver dentro desses espaços. **NÃO** há, porém, obrigatoriedade de preenchimento **total** desses espaços.

5- **ATENÇÃO: Não serão corrigidas respostas escritas em versos.**

6- Não escreva nos espaços reservados à correção.

7- Ao terminar a prova, entregue este caderno ao aplicador.

FAÇA LETRA LEGÍVEL

Duração desta prova: TRÊS HORAS.

ATENÇÃO: Terminada a prova, após a entrega do caderno, você deve retirar-se imediatamente do prédio, onde lhe é vedado, a partir de então, permanecer nos corredores, usar as instalações sanitárias ou quaisquer aparelhos eletrônicos, inclusive celulares.



QUESTÃO 01

Leia este texto:

Ilha das Flores

Estamos em Belém Novo, município de Porto Alegre, no extremo sul do Brasil. Mais precisamente, na latitude 30 graus, 12 minutos, 20 segundos sul, e longitude 51 graus, 11 minutos e 23 segundos oeste.

Caminhamos, neste momento, numa plantação de tomates e podemos ver à frente, em pé, um ser humano, no caso, um japonês.

Os japoneses se distinguem dos demais seres humanos pelo formato dos olhos, por seus cabelos pretos e por seus nomes característicos. O japonês em questão chama-se Suzuki.

Os seres humanos são animais mamíferos, bípedes, e se distinguem dos outros mamíferos, como a baleia, ou bípedes, como a galinha, principalmente por duas características: o telencéfalo altamente desenvolvido e o polegar opositor. O telencéfalo altamente desenvolvido permite aos seres humanos armazenar informações, relacioná-las, processá-las e entendê-las. O polegar opositor permite aos seres humanos o movimento de pinça dos dedos, o que, por sua vez, permite a manipulação de precisão.

O telencéfalo altamente desenvolvido, combinado com a capacidade de fazer o movimento de pinça com os dedos, deu ao ser humano a possibilidade de realizar um sem número de melhoramentos em seu planeta, entre eles... cultivar tomates.

O tomate, ao contrário da baleia, da galinha e dos japoneses, é um vegetal. Fruto do tomateiro, o tomate passou a ser cultivado pelas suas qualidades alimentícias a partir de 1800. O planeta Terra produz cerca de 61.000.000 de toneladas de tomate por ano. O senhor Suzuki, apesar de trabalhar cerca de 12 horas por dia, é responsável por uma parte muito pequena desta produção. A utilidade principal do tomate é a alimentação dos seres humanos. O senhor Suzuki é um japonês e, portanto, um ser humano. No entanto, o senhor Suzuki não planta tomates com a intenção de comê-los. Quase todos os tomates produzidos pelo senhor Suzuki são entregues ao supermercado em troca de dinheiro.

O dinheiro foi criado, provavelmente, por iniciativa de Gíges, rei da Lígia, grande reino da Ásia menor, do séc. VII antes de Cristo. Cristo era um judeu. Os judeus possuem um telencéfalo altamente desenvolvido e um polegar opositor. São, portanto, seres humanos.

Até a criação do dinheiro, a economia se baseava na troca direta. A dificuldade de se avaliar a quantidade de tomates equivalentes a uma galinha, e os problemas de uma troca direta de galinhas por baleias foi um dos fatores principais para a criação do dinheiro. A partir do século III antes de Cristo, qualquer ação ou objeto produzido pelos seres humanos, fruto da conjugação de esforços do telencéfalo altamente desenvolvido com o polegar opositor, assim como todas as coisas vivas ou não vivas sob, sobre a Terra, tomates e galinhas e baleias podem ser trocados por dinheiro.

Para facilitar a troca de tomates por dinheiro, os seres humanos criaram os supermercados...

QUESTÃO 02

Leia este texto:

Por que não se lê poesia?

Há o julgamento informal de que poesia é perda de tempo. Tendo lançado até agora dois livros, não cheguei ao ponto de receber os pêsames, mas não falta muito para isso. Até porque o poeta é identificado como um defunto comercial e nunca será de bom tom dar as condolências ao próprio falecido. Mas, afinal, por que todo esse preconceito quando o assunto é poesia?

A resposta mais fácil estaria na baixíssima taxa de compra de livros no Brasil. O índice é de 0,8 livro não-didático por habitante/ano. Como ninguém leva um livro pela metade, não se chega a adquirir um volume inteiro.

Esses dados seriam suficientes para indicar que o brasileiro não gosta de poesia. Será? O curioso é que boa parte das pessoas costuma iniciar-se na literatura por meio da poesia, seja em cartas, seja em cantadas extraliterárias para conquistar alguém. Mas o adolescente que se empenha em comover seu par é o mesmo que acha difícil a interpretação poética. Esse é o paradoxo: os poemas são considerados fáceis de fazer e complicados de ler. Como isso? Para muitos jovens, ainda vigora uma idéia romântica de criação. Poesia é pura inspiração, acessório para colocar em cabeçalhos de agenda. Faz parte do kit básico de sedução, ao lado das flores e do ursinho de pelúcia dado para a namorada.

Por que poesia virou mercadoria que todo mundo tem para vender, mas ninguém quer comprar? Como foi que os leitores perderam o interesse pela poesia? Desconfio que a resposta esteja no fato de que os próprios poetas tenham perdido o interesse pelos leitores. A poesia como um exercício de linguagem, fria, escrita para agradar os professores de semiótica, torna-a cada vez mais distante do interesse dos leitores.

Não é à toa que foi na melhor MPB que os jovens continuaram procurando versos que não encontram na chamada poesia contemporânea. Fora daí, ela passou a ser encarada de duas formas: a sentimentalista, à base de trocadilhos fracos, ou a acadêmica, difícil, culta, que atende a interesses universitários e não chega aos ouvidos da gente. Para sair desse impasse, talvez seja a hora de os poetas voltarem a contar histórias. É preciso fugir da armadilha que impõe que a boa poesia seja um exercício de linguagem e que qualquer poeta disposto a narrar a vida das pessoas seja etiquetado como menor. Não foi o público de poesia que desapareceu, como querem alguns teóricos da literatura. O que desapareceu foi a poesia em contato com a vida das pessoas. Talvez ela esteja adormecida, esperando que alguém traga de volta o simples prazer de ler um poema.

QUESTÃO 03

Leia o texto e o verbete que se seguem:

TEXTO**Trágico Acidente de Leitura**

Tão comodamente que estava lendo, como quem viaja num raio de lua, num tapete mágico, num trenó, num sonho. Nem lia; deslizava. Quando de súbito a terrível palavra apareceu, apareceu e ficou, plantada ali diante de mim, focando-me: ABSCÔNDRITO. Que momento passei!... O momento de imobilidade e apreensão de quando o fotógrafo se posta atrás da máquina, envolvidos os dois no mesmo pano reto, como um duplo monstro misterioso e corcunda... O terrível silêncio do condenado ante o pelotão de fuzilamento, quando os soldados dormem na pontaria e o capitão vai gritar: Fogo!

QUINTANA, M. *Antologia poética*. São Paulo: Ediouro, 1995. p.39.

VERBETE

“**abscôndito** [...] Do latim *absconditus*, *a, um*, ‘escondido, invisível, secreto’, part. pas. do verbo *abscondere* ‘esconder, ocultar, perder de vista’.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro Salles, FRANCO, Francisco M. de Melo. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 29. (Fragmento)

QUESTÃO 04

Leia o fragmento 6 do poema de José Paulo Paes e o poema de Aníbal Machado.

À minha perna esquerda

6

esquerda direita
esquerda direita
direita
direita

Nenhuma perna
é eterna.

PAES, José Paulo. *Prosas seguidas de odes mínimas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 58.

Desastre no Poema

Des
oços de
uma
estre
fe cat
astró
fica

des
carrilh
da a
margem
da
linha

nui nas
de po
ema

escom
br
os do
n a d a

MACHADO, Aníbal M. *Cadernos de João*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 140.

Em ambos os casos, faz-se uso do espaço branco da página para obter certo efeito.

